

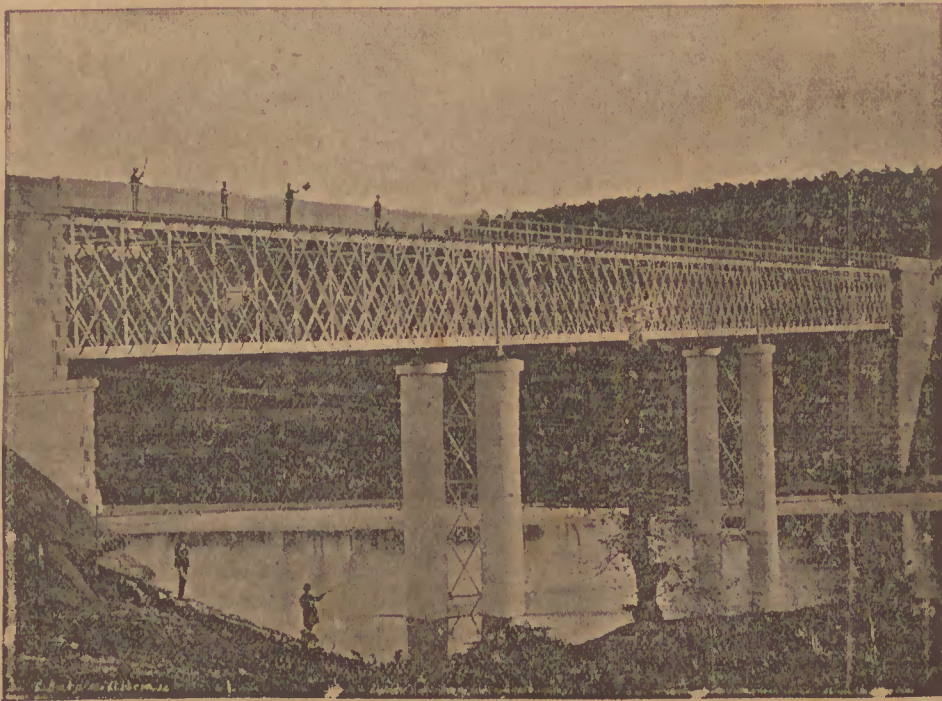
A LAGRIÇA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

PELA TERRA

E' tenso em demasia o torneio. Tem por caracteristica o ar furibundoloso e piagas dos cavalleiros meliévicos, sem tolvavia ter aquelle espirito de alevantada balda e que faz a cumprimentar de espalta baixa o adversario

l'antes, aparafusantes, qu' vão, segun lo calcula e nosso Jaizo, pôr por terra o adversario incauto que ousou pôsar mão d'isso. Esta sobre a gual'irapa do nosso corcel. E' certo isso. Mas não deixa tambem de ser certo que a tal chama-la opinião publica n'ada sabe, na maioria dos casos, a respeito dos motivos intimos e do-



antes de lhe jogar o primeiro golpe. Aquillo nem g'itos de contenda tem. Por causa de uma cabeca de pescada levanta-se uma praça inteira.

A bengala e que se derinem as cotendas pessoas, que não é penna. Deixemos á imprensa o lugar que lhe cumpre na civilização dos povos.

E' certo que, por causa de uma coisa a que os néo desillididos ainda dão credito, por causa d'uma coisa chamada opinião publica, nos desertamos para ahí, á minima belliscadure, em artigos medrinhos, lanhantes, encravavi-

mirantes da concencia, nem da veracidade dos argumentos que em geral são tao verdadeiros como o são o ferro e o fogo.

Opinião publica é uma ideia ôca, sem sentido, sem criterio, em todas, todas, todas as questões de caracter particular. P'oupa suja—ze quem a não tem—lava-se em casa, no tanque, ao pé do poço; porque a questão pessoal, por meio da imprensa, só serve para deixar borrões de tinta acre nas reputações boas, não servindo nunca para espargir uma gota de agua fresca e pura sobre as reputações más, acres-

cenlo que a *soit disant* opinião publica aceita sempre os argumentos do contendor mais habil, que melhor geito tem para impingir periplos soantes, e fica de pé a traz com o qua, por inlole pacifica, por honestidade, ou por incompetencia rabulária, se não defende com aquella energia de que tanto gosta o barbeiro, quando, entre a *mostra* e a orelha, ergue mão do freguez para lhe lêr com a imprescindível emphase um periplo, que, na verdade, diz elle, é de *esquilha*. E o lavrador concorda, ri-se, acha-a bem apanhada, e... eis a famosa opinião publica!

Ninguém se lembra de que, em materia de praça publica, a verdade tem a docilidade da verdadeira fortaleza, e a verdadeira força é docil como a propria verdade. Só pensámos no que a opinião do *Zé* das albardas dirá de nós, e não pensamos no que dirá o outro *Zé*, o que pensa, o que julga bem, o que atina quasi sempre...

Ora bolas!

E' ver:

«Porque você, seu canalha, é um caloteiro, um ladrão, um *souteneur*... E você o que é? Ora espere, seu pulha: você por onde andou deixou um sulco de lolo e outro de cães; dois sulcos, note bem; por um corre lolo, por outro correm os cães, a ladrar, de guelta aberta; furiosos; quando a vergonha ia bater á sua porta, viu sair por ella um credor com um olho em sangue, teve medo e deu a fugir. E você que até deu... isto, aquillo, aquell'outro...»

Eis a questão...

P. N.

A CAMARA MUNICIPAL

«Muito Altos, e Muito Poderosos
Camaristas, e Senhores Nossos»:

Das muitas flores que produz uma roseira, lá vem uma a destacar-se pelo colorido e feitio.

E se Vós, «Muito Altos Senhores», figuradamente representaes um ramilhete variado, em que ha a modesta violeta, o rubicundo cravo, o arrogante girasol, a formosa magnolia, lá tendes, tambem, a flor que sobresaé sobre todas.

Sem melindre para nenhuma, pois cada qual tem o seu papel—como na guerra a artilheria e a infantaria, a cavallaria e a engenharia—deixa realçar do Vosso grupo o Senhor Doutor Augusto Monteiro.

Flor sahida da estufa de Coimbra, bebeu a soiva do seu saber nos livros.

Modesto como a flor que procura a humildade dos canteiros, é um livro aberto.

E melhor são as suas letras que as de cambia.

No dizer d'um classico, d'estas tidos se podem servir...

Mais corrente do que a prata de lei, o que sae de sua bocca é ouro fino, extrahido de fillos farteis e no a «Historia de Portugal», de Herculano; as obras de O. Martins; os trabalhos de Theophilo e Bruno e outros.

Lenos que Socrates dizia que: «de todos os bens d'este mundo, só um é verdadeiro bem, que é o saber; e que de todos os males, só um é verdadeiro mal, que é o ignorar».

A riqueza de seu saber, aliada a um patriotismo sympathico, é um armazem carregado que está prompta a disparar-se a favor dos interesses da terra da Santa Cruz.

Lembramos aqui aos «Muito Altos, e Poderosos Camaristas, e Senhores Nossos», que nos meios adiantados se não aparavam brutalmente as arvores de cafeite: se deixavam, para o alto, no desaffogo de toda a sua vida vegetal, quando isso não prejudicasse o desaffogo das ruas estreitas.

Fomos attendidos, graças á interferencia de Senhor Doutor Monteiro.

Agora lembramos-lha, para maior agradecimento, que consiga, por ser tempo proprio, os reparos nas falhas da arborisação, no Campo da Feira, e attonda, egualmente, no pessimo estado em que estão, n'aquelle ponto, alguns bancos; não esquecen lo, tambem, o collocamento de novos nos logares em que o vandalismo pe-lintra os fez desaparecer, porque a sua falta faz-se sentir muito nas noites calidas, ou nas manhãs frias, com sol.

No proximo numero fallaremos dos carros, typois e calçunbeques, que infesam terrivelmente, as estradas e as ruas da villa, mórmemente ás quintas-feiras.

NOTAS DA QUINZENA

Contra a projectada comarca de Espozen le— e á luz amarellenta de archotes—sobresahiu na penultima segun-la-feira a phrase quente de fogosos oradores, com lyrics á João de Deus e gongorisimos á Bluteau...

Teve, pelas janellas e sacadas, o realce da couve gallega em cima de um rôlo de manteiga. Patriotismo declamado... E palmeado...

No meio de todas as declamações enthusias-tas de discursos prepara los a traz dos reposteiros, houve o destaque—para os ingenuos—do patriotismo, imposto sobre as *massas*, de os srs. dr. José Ramos, Domingos de Figueiredo, Antonio Azevelo aban lonarem o partido progressista, caso se crie a comarca em Espozende...

Haviam de fazel-o, necessariamente, se fossem varridos pela desconsideração do sr. José Luciano.

Para que vieram, pois, *janotear* esse sentimento aos barcelenses?

Tal *absteo* seria, diante da realidade, a ce-ba-la ao rabo da morta *integridade*...

O patriotismo é como a honra, impõe-se por si mesmo. Silenciosamente.

O que Barcellos precisa de saber terminantemente, é se os declamadores em questão, ao grito: «A' unha que é dos homens», justificam o dito: «O' parnas para que te quero...»

Mas tem graça: tres individuos terem a mesma lembrança...

Tres — é como quem diz: «Mundo, diabo e carne».

Por outro lado, Espozende, limita-se a reunir seus professores para estudarem o meio de alargar a instrução nacional.

E' ver o que diz o correspondente d'aquella villa em data de 27, do passado, para o «Primeiro de Janeiro»:

«No passado dia 27 pelas 10 horas da manhã, reuniu o professorado d'este concelho a convite de professor official de Palmeira o sr. Antonio da Silva Montenegro.

Compareceram somente oito professores, sendo:

D. Maria Joaquina da Costa Vieira, de Fão; Antonio d'Abreu, d'Espozende; Joaquim Rodrigues d'Azavedo, d'Apulia; Antonio Alves de Faria, de Forjães; José Candido Ribeiro da Rocha, de Fão; Albino Dias de Boaventura, de Villa-chã; Annibal de Villas-boas Netto, das Marinhas, e Antonio da Silva Montenegro, de Palmeira.

E mais abaixo:

«Tratando-se da 1.^a parte do programma do congresso, o professor Faria expoz em frases eloquentes a causa do analfabetismo indicando um meio facil de o extinguir: «não consentir o matrimonio aos analfabetos.» O sr. presidente alvitrou que seria de muita utilidade obrigar os analfhetos a cumprir por mais tempo o serviço militar que aquelles que fossem instruidos.»

De maneira que um individuo pôde ser um patife, mas deve saber ler...

...Mesmo Rabelais...

Embora honrado, não pôde casar. Mas amañebra-se—que é mais summario...

Mas, ainda bem, que a gente sabe ser o sr. Antonio Alves de Faria o autor de tão americana lembrança, e, portanto, pô o chapéu na cabeça, para se não consipar, e vae sentar-se descaçadamente a um canto, fumando um *brejeiro*.

«Não acha, senhor Faria, que era melhor castigar os analfabetos?

Porque a humanidade não é de pau.

Depois de se lêr attentamente isto, abre a gente o ultimo numero do «Annunciador» e depara-se-lhe esta belleza:

CARTA. Sr. José Candido Ribeiro da Rocha professor official em Fão, concelho de Espozende.

Aqui me tem mais esta vez batendo á sua porta para lhe pedir 2:210 réis que me deve ha 10 annos. Se bem soubesse o papel que já vae representando na honrosa classe a que pertence, não se atrevia a apparecer com essa cara descoberta deante de seus collegas, mas precisava de uma mascara para ella. Não ha um só no seu concelho que pratique uma acção d'essas, só propria de quem fôr caloteiro de profissão, e que tenha perdido totalmente a vergonha, ficando ainda com menos que um cão; a nenhum d'esses seus honrados collegas, a quem muito prézo, deixará de subir o rubor ás faces vendo um membro da sua classe deshonral-a com tal procedimento, tornando-se assim digno de ser repellido por todos por indecente e má figura.

Não é por 2:210 réis que assim ultrapasso os limites da prudencia, porque outros heroes da mesma laia me tem feito perder mais; mas é pelo descaramento com que vocês, quando não chegam a negar o que devem, como ahí tentou fazer a um meu irmão, mas não pôde, porque se lembrou das cartas que me dirigiu sobre o assumpto, e que vou publicar no n.º seguinte vão enganando os credures com promessa de pagamento, quando tiverem vergonha, etc; porque quem quer negar ou se recusa a pagar uma quantia insignificante como esta, é capaz de negar contos de reis, e não só negal-os, como saccal-os do bolso ao seu semelhante, como faz o destro galuno; não se pôde fazer outra illeia de um caloteiro, seja elle quem fôr. Se eu soubesse que o sr. Rocha estava necessitando, lucrando com difficuldade para se sustentar a si e á sua familia, que desejava pagar, mas não o fazia por não poder, procederia de outra maneira para consigo, mas sei perfeitamente que o motivo é unica e exclusivamente por não querer pagar, por fazer gosto de pagar calotes porisso, como sei muito bem a razão por que a sua receita não lhe chega para pagar a quem deve, e não será preciso explicital-a ás auctoridades d'esse concelho, vou explicital-a brevemente aos exm.^{os} Commissario e Inspector da Instrução primaria, para estes irem fazendo ideia do professor exemplar a quem esse bom povo confia seus filhos para lhes ministrarem a instrução.

O sr. Rocha lembra-se do que me escreveu quando eu, no numero 11 d'este jornal, em 1889 comecei a zurzir pelo mesmo motivo, outro sujeito do seu mesmo apellido e classe. Pa-

Enveloppes

A 1:200 réis o milheiro, impressos, formato commercial, vendem-se na Typographia Barcelense.

ra o numero seguinte fallaremos a esse respeito.
Barcellos, 26-11-97.

Seu amigo
Antonio José Alves do Valle.

E, no entanto, o sr. José Candido Ribeiro da Rocha, se é solteiro pôde casar-se, pois não é analfabeto...

O Joaquim Campello, rapaz amigo e bom moço, fóra da tática militar, aprecia e sabe, também, um tanto de estrategia venatorial.

Uma d'estas semanas convidou amigos para lançar umas redes aos coelhos.

Escurião profanla.

—«Tu, dizia o Joaquim para os companheiros, ficas a esta embocadura, você vai para a de baixo, e o visinho toma a que lhe indiquei. Colloquem to los bem as redes que eu dou signal, se me fôr possível. Ouvilo atento, çentem leram?»

E Joaquim, cuja physionomia se poz em relevo ao clarão d'um phosphoro accêso, tomava a séle principal das suas operações, com certa pericia.

Tulo prompto. Cães a narra los. Furão dentro da cova. O silencio só era perturbado por palavras a meia voz ou por algum latido que o pon apê e *emprime*. N'isto, ó ceus, gritos possantes, alegres, ouvem-se logo d'uma banda aonde está um caçador. E a seguir:

—«E' Iebrel jô que granfel Venham jê.»

Todos largam os seus postos e convergem ao ponto *renhido*.

Joaquim Campello, furão n'uma mão, rede n'outra, caê por cima d'um tojo de matto, levanta-se, caga celere, em cabello, ao sitio desejado, parecendo o sargento-mór de Villar n'uma das correrias a travez da ponte do Porto.

—«Então, diz elle, vamos ver isso...»

—«Na lá, diz o homem da peca gloriosa, temos tempo lá em casa; pôde fagir...»

E ahí caminham aê casa d'um dos da *partida*.

—«Mostra lá isso», diz sonrego o Campello, in lo fechar todas as portas e janellas do compartimento onde permanecem todos.

Abre-se a rede e surge um cão da *mailha*...

Gato por lebre, vá... Mas cão!.. *Pôso*.

O 30 Reis fez finea-pé de se tornar celebre pelos seus actos de conquistador.

Mas é curioso, tem tanto de medo como de coraçã.

Assim se nos evidenciou n'uma noite d'estas enfarpellado como um sapateiro á segunda-ra—procurando dar desaffogo a uma paixão ante d'uma moçoila de S. Martinho e fagindo, todo o galope, ao ver o seu rival Pistolas gir-se-lho.

Pelo caminho, conta-se, que, offegante, ligua de fóra, dizia, o nosso heroe:

«Oul desgraça cruel! Oh sorte avessa,
Que, sem dô, me despejas na cabeça
A taja escura de *amargoso* fell!
Que crime cometti, falo cruel,
Para soffrer no mun lo egual tormento!...»

E foi procurar refugio na côrte dos bois barões, de S. Martinho, prevenindo o dono, que o queria expulsar, que era de Areuzello, e que se o procurararem dissesse que tinha ido, correnle, pela beira do rio, para Barcellos.

O que realmente succedeu.

Depois o remate foi rapido; deu 500 reis ao dono do barroal para o acompanhar até esta villa, o que não foi preciso, porque na ponte de Casal de Nil metteu-se n'um carro que vinha de Espozende.

Dizem-nos agora que a rapariga, como nos combates cavalleirescos, se entregou ao vencedor.

O 30 Reis, coitado!, exclamára n'outro dia, no Café Mattos:

«E combati por ella *ousado e forte*
Para ser d'spresado d'esta sortel
Mima vdi arisque. n' n *fêro ataque*
Para tra ad ser como um basbaquel
A par d'um ros. o lindo como um cravo
Aciei um coraçãõ de gato bravo!!...
E para o alcançar saou-me a testa...
Pelteje: como heroe... fui uma besta.»

Temos ainda hoje o «Santo Antonio», no theatro Chalé...

Peca para uma platoia especial, que não cança nunca de a ver.

De to los os dramas conhecidos nenhum ainda despertou tanto interesse ao publico portuguez.

Resaios da vida monastica, a que tanto está presa a sua historia, e exploraçãõ dos sentimentos religiosos, que tanto impulsionam a nossa gente, fizem d'elle um bello filão para as companhias dramaticas.

D'onde se conclue que—o «Santo Antonio» depois de ter salvo o pao da fórea, ain la salva muita companhia...

A peca é posta rasoavelmente em scena.

N'um tom de voz saca lida, d'sembaraçala, bem ouvvel, na rua Direita, dizia uma senhora para uma outra sua vizinha:

—«Que acas hoje em mim? Não estou com uma *cor acerejada?*»

Ha mulheres que se pinam muito bem...

A gravura qua lo e publicamos é a da ponte do caminho de ferro, d'esta villa.

Responsavel, João G. da Silva.—Typographia Barcellense.

Cartões de visita

Fazem-se na typographia Barcellense a 240
30c e 560 o cento.